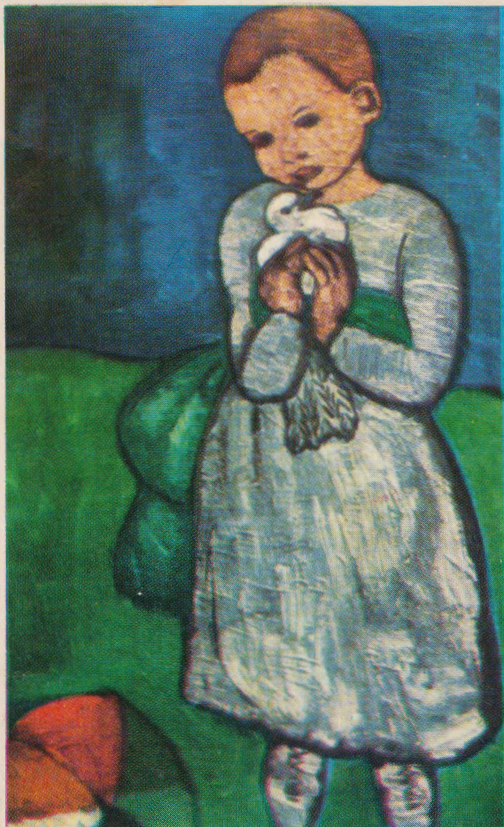




Teresa Rita

sopinhas de mel



com
o patrocínio
da Secretaria
de Estado
da Cultura

MORAES
editores

Teresa Rita

SOPINHAS DE MEL

ELA: *(Puxa lavet, varalheira, apela-nu e encontra um algal)*
(Senta-se em cima das próprias muletas, dizmo-
alizando um enorme canção, e abençoa com
as mãos) Que calor, meu Deus, meu Deus!
(Racismo de que a mula não esteja bem encon-
dida de tal corpo molhar a cortina) Não
acha que está um calor de morrer? *(Olha*
para si, e fica um momento, espantada, a
regulá-las os movimentos) Que está a fazer?
Que é isso?

ELA: *(Voltando-se rápido, empurrando a mula para trás*
com o pé) Nada... Não é nada... Não estou
a fazer nada...

ELA: Mas escurros qualquer coisa com o pé...

ELA: *(Muito rápida, olhando os pés)* Com o pé...? Qual
deles?

ELA: *(Vai junto dele, tocá-lo com as mãos e com*
os pés) ...

MORAES EDITORES
COM O PATROCÍNIO DA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

ELA: Não! PISTAS/PALCO

Teatro Rina

SOPINHAS DE MEL

Peça para televisão
encomendada em 1980
pela Secretaria de Estado da Cultura

Palco absolutamente vazio. Apenas uma cortina de fundo. Entra um homem a fugir, com uma mala. Olha em redor, volta as costas ao público, e tenta escondê-la atrás do pano de fundo. Depois vai para sair, olhando sempre, medrosamente, à volta. É detido por uma mulher, que entra, estabanada, com duas malas e uma sombrinha.

ELA: Por favor, cavalheiro, ajude-me a encontrar um táxi!
(Senta-se em cima das próprias malas, dramatizando um enorme cansaço, e abana-se com as mãos) Que calor, meu Deus, meu Deus!
(Receoso de que a mala não esteja bem escondida ele vai compor melhor a cortina) Não acha que está um calor de morrer? *(Olha para ele, e fica um momento, espantada, a seguir-lhe os movimentos)* Que está a fazer? Que é isso?

ELE: *(Voltando-se rápido, empurrando a mala para trás com o pé)* Nada... Não é nada... Não estou a fazer nada...

ELA: Mas empurrou qualquer coisa com o pé...

ELE: *(Muito direito, olhando os pés)* Com o pé...? Qual deles?

ELA: *(Vai junto dele, toca-lhe num dos pés com a sombrinha)* Com este. Empurrou... isto! *(Curiosa, tenta apalpar o vulto da mala. Ele defende-a com o corpo)*

ELE: Não! Não! Deixe! Não é nada!

Permanecem assim algum tempo, ela tentando destapar a mala ou tocá-la e ele trocando-lhe as voltas, interpondo-se, de braços abertos. Ela consegue agarrar a esquina da mala e destapá-la.

ELA: Uma mala! É uma mala! *(Reprobativamente, como quem interroga uma criança)* Porque queria esconder essa mala? Porque me queria esconder a sua mala?

ELE: A minha mala...? Mas..., não é a minha mala! Não é minha!

ELA: Não é sua? Então de quem é?

ELE: Talvez... alguém a tivesse perdido.

ELA: *(Irônica)* Da algibeira, não? *(Apercebendo um táxi — que virá do lado do público — vai fazer-lhe sinais desesperados, voltada para o público. O caminho do táxi será no sentido do fundo da sala para o fundo do palco. Pode ser dado por um passar de faróis)* Táxi! Táxi! *(Volta a sentar-se nas malas, com ar sempre dramaticamente exausto)* Súcia! Cambada! É ia vazio...! Mas à hora do jantar é sempre assim! *(Enfurece-se)* Também eu ainda não jantei! Há 2, 3, 4 dias que não janto! *(Choraminga)* Oh! Maldita viagem! Se lhe vejo o fim... *(Volta-se rápida para Ele, que tenta esgueirar-se, sem ser visto. Sempre o mesmo tom reprovativo de mestre-escola)* Onde vai?...

ELE: *(Atrapalhado, desculpando-se)* Jantar...

ELA: Ainda não jantou?

ELE: Claro que não. São horas *(Vai para sair. Ela segura-o)*

ELA: Não... espere! Mas, essa mala? *(Num gesto rápido põe a mala a descoberto)* Não é sua, deveras?

ELE: Que ideia! Uma mala destas... (*Faz um esgar de desdém, mas tenta, de novo, encobri-la com o corpo*)

ELA: (*Espreitando por entre os braços e as pernas dele*) Mas é uma boa mala... Deixe ver... Não tem tabuleta?

ELE: (*Rápido, sem olhar*) Não, não!

ELA: Como sabe...? Nem olhou...

ELE: Já a conheço há tempos...

ELA: Há tempos...? Então sabe de quem é!

ELE: Mas conheço-a mal, de vista... Quando passo por aqui.

ELA: Mas essa mala está sempre aí?

ELE: É... Já há tempos... Todas as manhãs a vejo...

ELA: Mas para quê?

ELE: Talvez faça parte da via pública...

ELA: Uma mala não é um candeeiro... (*Levanta-se, entre-vendo ao longe outro táxi. Esganiça-se*) Táxi! Táxi! (*Para ele*) Ajude-me!

ELE: (*Correndo atrás do táxi*) Táxi! Espere! Leve-a! Leve-a! Táxi...

Ficam ambos a vê-lo desaparecer ao longe.

ELA: Que vai ser de mim...? Oh! Que gente! Que terra! Que horas serão?

ELE: (*Olha em volta*) Sete... oito... nove. Horas de jantar. (*Precipita-se para a saída*) Vou jantar.

ELA: Não! (*Agarra-o, puxa-o como se içasse um barco para a terra. Implorante*) Não... Peço-lhe, suplico-lhe... Se tem uma migalha de cora-